



PAULA CIDADE, UM SOLDADO E ESCRITOR A SERVIÇO DO PROGRESSO DO EXÉRCITO (1883-1968).

Claudio Moreira Bento

Dia 22 dezembro 1983 assinala o centenário de nascimento do portoalegrense General Francisco Paula Cidade. Oficial de Infantaria e de Estado-Maior de escol, além de bem sucedido comandante de Unidades e Grande Unidade, na paz e em ações de guerra interna e externa, foi apontado aos Cadetes, em 1955, em Ordem do dia na AMAN, como um exemplo de oficial a ser seguido.

Paula Cidade devotou o melhor de suas energias, patriotismo, idealismo e inteligência para o progresso do Exército, a ponto de ser punido disciplinarmente por lutar pelas idéias hoje vitoriosas — a retirada do Exército do encargo de guardar repartições fazendárias e a exigência de arregimentação na tropa, como condição de promo-

ção, costumes que comprometiam seriamente a operacionalidade do Exército no início do século.

Participou ativamente, como oficial de Infantaria, "troupiér ou tarimbeiro" e de Estado-Maior e escritor especializado em assuntos militares, da Reforma Militar, cujos lances principais imortalizou indelevelmente em sua obra literária. Assim, foi co-fundador e redator da *Revista dos Militares*, fundada em Porto Alegre em 1912 e da *Defesa Nacional*, fundada no Rio, em 1913, junto com outros onze "jovens turcos", revistas que na época tiveram papel relevante na formação e difusão da moderna corrente do pensamento militar terrestre brasileiro. Pensamento que ajudou a arrancar o Exército dos ultrapassados padrões operacionais revelados na Revolução Fe-

deralista 1893-95 e guerra de Canudos, 1896, aos modernos padrões alcançados pela FEB, na Itália. Força que fez muito boa figura ao lutar, lado a lado, contra representações dos melhores exércitos do mundo presentes na Europa Ocidental na 2ª Guerra Mundial. Como escritor militar voltado fundamentalmente para a História Militar, desde os tempos da Escola Preparatória Tática do Rio Pardo, em 1902 e até 1967, ou cerca de 65 anos, foi o que produziu até o presente obra mais alentada. Foi, até falecer em 1968, o maior intérprete da evolução da doutrina, do pensamento e do processo histórico militar brasileiro. Até o presente foi o único geógrafo e sociólogo militar terrestre brasileiro, de fato. Egresso da Escola de Guerra, em 1908, em plena crise provocada pelo Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do ensino militar, de bacharelismo para profissionalismo militar, o aspirante Paula Cidade, carente de conhecimentos militares modernos, foi juntar os seus esforços a oficiais com cursos na Alemanha, formando o grupo chamado "jovens turcos" e, desde então, dinamos da modernização do Exército e a qual se juntaram, pouco a pouco, outras expoentes da classe, tudo sob a égide de destacados chefes do Exército da época.

Paula Cidade foi professor de História e Geografia Militar da Escola Militar, durante o memorável comando do então coronel José Pessoa e, a convite desse chefe, para "ajudá-lo a carregar a sua cruz". Desse contato guardou as melho-

res recordações de seus cadetes e estes de sua figura marcante de mestre e exemplo de profissional militar. Foi introdutor de Geografia Econômica Militar na Escola de Intendência e de Geografia Militar na Escola do Estado-Maior e a seguir na Escola Militar, depois de diversas incursões na Seção de Geografia e História do EME, como adjunto e chefe. Exerceu a chefia de gabinete da então recém-criada Secretaria Geral do Ministério da Guerra, sob a chefia do seu amigo desde o Rio Pardo, General Valentim Benício, que substituiu diversas vezes num período de realizações culturais memoráveis daquela repartição. Como profissional militar de escol e de profissão de fé legalista, Paula Cidade encerrou sua carreira em ações de guerra, no Norte, como Comandante da 8ª RM encarregada da proteção da Base Aérea de Val de Cans, próxima do Canal do Panamá e ponto de passagem obrigatório, junto com Natal, no saliente nordestino, das comunicações militares aéreas americanas com a África e Europa e, finalmente, como coroamento, a função de membro do Conselho Supremo de Justiça da FEB. Ao despedir-se de seu chefe, amigo e co-estaduano, o então General Mascarenhas de Moraes, ouviu dele estas palavras proféticas: "Cidade, vamos partir para a maior aventura de nossa História Militar!"

Como escritor militar, encerrou sua carreira na Ativa na presidência da Biblioteca do Exército. Sua obra literária voltada para o progresso do Exército continua a pro-

duzir seus benéficos efeitos. E, por muitos e muitos anos, será difícil alguém estudar História, Geografia e Sociologia Militar Terrestre Brasileira e a História do Exército como instituição de 1902-1966, sem beber a sabedoria específica na obra de Cidade. Não foram fáceis a vida e as dificuldades de Paula Cidade como escritor e soldado, para provar que "não cora o livro de ombrear com o sabre e nem cora o sabre de chamá-lo irmão". Mas, como sentenciou o General Jonas Correia — "a vitória da inteligência é o selo da posteridade. E aí estão seus livros, a prová-lo". Livros publicados, para não referir a sua obra inédita. Em 1980, o mesmo General Jonas propôs o teve aceita proposta de eleger o general Paula Cidade, patrono da Cadeira 88 do Instituto de Geografia e História do Brasil que ele tanto honrou e prestigiou em vida. Cadeira que me coube por escolha e aprovação do Instituto inaugurar como seu primeiro ocupante, em razão de afinidades espirituais, culturais e profissionais com aquele ilustre soldado e escritor, nosso co-estaduano que aprendemos a admirar desde o primeiro contato com sua obra literária militar terrestre brasileira, ímpar.

INFÂNCIA, MENINICE EM PORTO ALEGRE

Cidade nasceu e viveu sua infância, meninice e juventude próximo ao Quartel General em Porto Alegre. Ali, aos dez anos foi tocado pelo desejo de ser soldado, ao testemunhar as movimentações da

Revolução Federalista e contemplar os alunos militares do histórico casarão da Redenção e atual Colégio Militar. Entre a carreira de advogado, sugerida pela mãe, e a de soldado, ele destinou-se a esta, com apoio de seu padrasto e grande amigo para o resto da vida. Aos 11 anos, de família modesta, iniciou a trabalhar na Livraria Americana, onde tomou contato com o mundo encantado dos livros. Deixou este emprego aos 13 anos, por não sujeitar-se aos maus tratos de seu patrão. Dos 13 aos 15 anos foi caixeiro de uma loja de sapatos das 06.00 às 20.00h. Discretamente, aproveitava o intervalo do almoço para estudar Português e Matemática, com o professor Ildefonso Gomez. Depois das 22.00 horas fazia as lições e lia poesias e literatura. Esta preferência o levou a fundar uma Sociedade Recreativa e Literária entre os caixeiros que o elegeram presidente. Daí em diante e até um ano antes de falecer, ligou-se com paixão à Literatura Militar Brasileira, que teve como rival a sua paixão pelo Exército e seus destinos que ajudou a alicerçar como soldado reformador e literato festejado.

CARREIRA DAS ARMAS

Em 15 de abril de 1902, Cidade sentou praça no Exército como soldado nº 165 da 2ª Cia do 25º BC, com quartel na Praça do Portão em Porto Alegre e na condição de ouvinte da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo. Nesta cidade castrense, "A Tranqueira Invicta", ele ficou até setembro de 1903. Transferência da Escola pa-

ra Porto Alegre. A recepção naquela capital foi agradecida em oração do aluno gaúcho Raul Silveira de Mello, o único sobrevivente da Escola do Rio Pardo, hoje com mais de 100 anos e historiador militar da Fronteira Oeste, personalidade pela qual Cidade nutria admiração especial por suas qualidades excelsas de homem e de cristão. Mais tarde, Cidade recordou os alunos que passaram pelo Rio Pardo a sua época, cujas obras tiveram tão grande projeção nos destinos do Brasil ou do Exército, como os ex-presidentes Getúlio Vargas e Eurico Dutra, Generais Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB, Valentim Benício, Sérgio Ari Pires e Pantaleão Pessoa, seus amigos desde o Rio Pardo, e Bertoldo Klinger — amigo do peito e seu compadre e padrinho de 2º casamento, além de Cezar Obino, Amaro Soares Bittencourt, João Mendonça Lima, Emílio Lúcio Esteves, Francisco José Pinto, Regueira e outros.

NA ESCOLA DE GUERRA EM PORTO ALEGRE

Cidade foi colhido em Porto Alegre, na Escola Preparatória, pela crise militar provocada pela Revolta da Vacina Obrigatória da Escola Militar da Praia Vermelha. Crise que provocou o Regulamento de Ensino de 1905, ponto de inflexão do bacharelismo para profissionalismo militar, depois do fechamento e extinção da Escola Militar da Praia Vermelha, recriada com o nome de Escola de Guerra

em Porto Alegre, onde passou a funcionar de 1906 até 1911. Naquela época, a oficialidade do Exército dividia-se em científicos e tarimbeiros (ou troupiers). Os primeiros, egressos da Escola Militar da Praia Vermelha como bacharéis em ciências físicas e matemáticas e sem conhecimentos práticos visando a operacionalidade do Exército, evitaram a tropa, mantendo-se em funções técnicas e administrativas. Os tarimbeiros, mais numerosos, não possuíam cursos. Fizeram carreira na tropa com base em lei de 1860. Estes eram complementados por 300 ou 400 alferes, antigos sargentos comissionados naquele posto na Revolução de 93 e confirmados pelo Congresso.

A Revolta da Vacina Obrigatória de 1904, de cunho político positivista, provocou a maior revolução doutrinária e filosófica no Exército que Paula Cidade assim assinalou:

“Em 1906 a Escola de Guerra recebeu uma avalanche de alunos anistiados da extinta da Praia Vermelha e passou a ser comandada por um coronel de Infantaria ao invés de engenheiros, como era tradição. Foram construídos no meio do pátio do Casarão da Redenção dois pavilhões em madeira com 4 salas de aula. O critério de promoção a aspirante a oficial, posto então criado, passou a ser o do mérito intelectual e não o da antiguidade. Houve muita improvisação, até externato por falta de espaço.”

Mas a verdade é que ali, no Casarão da Redenção, se processou, de 1906-11, a grande e bené-

fica revolução no Exército, visando a orientar seu ensino para a operacionalidade e Defesa Nacional. Cidade assistiu e documentou nestes termos a instalação da Escola da Aplicação paralela à da Escola de Guerra:

"Os instrutores eram dedicados e compreensivos, mas não puderam dar o que não haviam recebido. Nenhum sabia desenvolver um tema tático sobre uma carta, prática velha na Europa e há muito em uso na Argentina que havia contratado instrutores alemães de alta capacidade e renome. Os regulamentos em vigor estavam próximos da guerra do Paraguai."

Cidade, na Escola de Aplicação, estudou topografia prática, fotografia, esgrima, escrituração militar, serviço em campanha (casos esquemáticos) e telegrafia Morse. Apesar de assinalar graves defeitos e falhas na Escola de Guerra e seu complemento, a Escola de Aplicação, as achou obras de importância transcendental, nascidas de uma crise política — a Revolução da Vacina Obrigatória de 14 de novembro de 1904. Escreveu sobre isto: "Esta arrancada inútil da mocidade militar trouxe em seu bojo conseqüências extraordinárias, positivas e duradouras, através de medidas que exigiram meio século para serem adotadas como a de formar-se soldados e não doutores." Das três turmas saídas da Escola de Guerra, segundo Cidade, cerca de 1/3 de integrantes preferiram a vida na tropa. Estes se fizeram instrutores de si mesmos. Depois uniram-se a oficiais com curso na Alemanha e formaram um gru-

po idealista reformista que fundou a *Defesa Nacional* e passaram à História, como "jovens turcos" (nota 1).

O ASPIRANTE, TENENTE, REFORMADOR MILITAR E "JOVEM TURCO"

Em janeiro de 1909, em cerimônia interna simples no pátio do Casarão da Redenção, sem festas, madrinhas de espada, Cidade e seus companheiros foram declarados aspirantes, com a simples leitura do Boletim. A seguir, em coluna por dois, ao comando do ajudante, atravessaram o parque da Redenção (Várzea) e foram apresentados ao Comandante do 25.º BI, na Praça do Portão, unidade a que pertencia. Sua espada custou a metade de seu soldo. Os uniformes de aluno foram aproveitados. Fazê-los novos era um luxo na época. Sua primeira e difícil missão foi ajudar a conduzir um grupo de soldados de mau comportamento transferidos do Rio, de Porto Alegre a Cruz Alta, numa viagem cheia de peripécias que relata em suas *Memórias*.

Paula Cidade e outros nomes egressos das citadas escolas iriam se associar aos oficiais com curso na Alemanha, para promoção da Reforma Militar. E como reformador atuou muitas vezes no tablado, como instrutor ou professor, e através de seus escritos profissionais publicados nas *Revistas dos Militares*, de Porto Alegre e *Defesa Nacional*, das quais foi co-funda-

Nota: Ver História do Exército Brasileiro, v. 2, pg. 804-809.

dor, redator e colaborador destacado. Sua primeira missão de instrutor foi em Cruz Alta, em 1909, como instrutor dos soldados da Unidade de Infantaria. Em 1910, foi instrutor militar da Escola de Engenharia de Porto Alegre.

Em 1913, no 2º RI, inventou e publicou na *Defesa Nacional* um sistema de sinalização de fácil aprendizagem que foi aprovado pelo Ministro. Na mesma época editou a obra com 73 fls — *Noções e Problemas de Leitura de Cartas*, segundo ele “problema até então desconhecido pela imensa maioria dos oficiais e inspirado em obras alemãs de Tática”.

Em 1917, de volta a Porto Alegre, foi preso por 8 dias, pelo Comandante da Região, por um artigo técnico na *Revista dos Militares*, no qual fazia uma crítica doutrinária à luz de doutrina alemã em vigor.

Como Comandante da Cia, cultivou a ordem unida, como verdadeira escola da disciplina. Orgulhava-se de haver conseguido movimentos de armas comparáveis às da Infantaria Alemã. Tornou o manejo de armas um esporte onde selecionava os mais adeptos para instruírem os menos aptos e assim nivelar a aprendizagem. Aliás, idéia hoje vigorante no Exército, ao lado das “de aprender fazendo e de buscar atingir níveis de operacionalidade cada vez mais elevados”. Dava muita ênfase à instrução de tiro.

Como reformador, no posto de 2º tenente, lutou pela extinção do serviço de escala à Alfândega e Delegacia Fiscal que tantos prejuí-

zos causava ao adestramento da tropa bem como pela da arregimentação como condição de promoção, mesmo por antiguidade, recorrendo para isto a Pandiá Calógeras, no primeiro caso, e a Olavo Bilac, no segundo. A segunda medida impunha-se para evitar o abandono dos corpos de tropa do interior de parte dos oficiais. O preço por sua interferência e para seus colegas que assinaram o memorial sobre o assunto foi de 30 dias de prisão. Daí por diante, foi impossível fazer-se carreira militar sem nunca entrar num quartel.

Em 1921, como aluno da EsAO, testemunhou fato histórico de grande projeção na Reforma Militar — a inauguração dos trabalhos Missão Militar Francesa (MMF) naquela escola, com a presença do Ministro da Guerra Pandiá Calógeras. Ali trabalhou exaustivamente com temas táticos sobre a carta da Vila Militar. Conquistou o direito de ingressar na ECEME sem concurso além de apto a preencher funções de instrutor.

Depois da Revolução de 30, já no posto de Capitão, foi professor de Geografia Econômica Militar na ECEME (conferencista) e de História e Geografia Militar na Escola Militar. Em todas as guarnições por onde passou, pronunciou conferências sobre assuntos de sua especialidade. Sua narrativa prendia a assistência pela simplicidade, objetividade, boa dicção e densidade.

O OFICIAL DO EME

Após cursar a EsAO e a ECEME, esta com sua sede no

quartel do atual 1º BPE na Tijuca, foi estagiar na 2ª Seção do EME a partir de 1924. Havia cursado aquela escola sob orientação da Missão Militar Francesa que não entrou no EME, da qual era consultora em assuntos de instrução militar. Foi estagiar na 2ª Seção cabendo-lhe o trabalho de calcular aproximadamente o tempo que tropas argentinas, com os meios da época, levariam para atingir a fronteira do Brasil. Na 2ª Seção aprendeu lições de informações, valiosas para sua vida, conforme registrou em suas *Memórias*.

Seu trabalho foi interrompido de 13 de julho a 06 de agosto, quando atuou em São Paulo, na Revolução de 24, no eixo Santos-São Paulo, como Subchefe de Estado-Maior de um destacamento organizado por seu amigo Major Euclides de Figueiredo, como oficial de Gabinete do Ministro e com enormes dificuldades, destacamento ao comando do General Carlos Arlindo, que partindo de Santos conquistou sucessivamente a região do Monumento Ipiranga, Vila Mariana e Avenida Paulista. Combateu no destacamento do General Carlos Arlindo, o Coronel Pedro Dias Campos, Comandante da Força Pública de São Paulo que se mantivera fiel à legalidade. Sobre ele escreveu Cidade:

"Era um homem moreno de pequena estatura, tipo de militar japonês, dados os traços mais marcantes de sua fisionomia. Mais tarde eu havia de admirar nele um dos exemplares mais completos de soldado com que me tinha defrontado naqueles dias amargos."

Pedro Campos fora coadjuvante destacado da Missão Militar Francesa, na Polícia Militar de São Paulo. Foi um dos mais marcantes comandantes daquela então Força Pública, além de historiador militar brasileiro de expressão nacional.

Cidade descreve com muito realismo, em 54 páginas de suas *Memórias*, o seu batismo de fogo naquela Revolução. Elas encerram preciosos ensinamentos do ângulo profissional militar, por marcarem a diferença da doutrina militar na prática e na teoria. É a maior contribuição contida em suas *Memórias*.

Destacou a importância do tiro direto da Artilharia no combate em localidades, em apoio à Infantaria. Registrou, então, um consumo exagerado de munição, disparos durante a noite, sem motivo. Conclui que o soldado assim procedia por medo e como medida preventiva de uma possível ação sobre sua posição. Enfim, uma tentativa caríssima e irresponsável de espantar o inimigo, e incontrolável. É uma consideração que deve ser levada em conta pelos futuros comandantes de ações semelhantes. Outro costume era o de os soldados exagerarem qualquer movimento em torno de suposição, provocando a montagem desnecessária e desgastante de patrulhas. Este costume diminuiu ao obrigar-se quem disse que viu algo anormal a participar das operações, visando confirmar suas suspeitas. Ali mais uma vez confirmou-se o dito popular: "Em tempo de guerra, mentira é como terra".

Em 1930, retornou ao Estado-Maior, chefiou a Seção de História e Geografia Militar, dirigiu a *Revista Militar Brasileira* e lecionou na ECEME e Escola de Intendência, onde o colheu a Revolução de 30.

Foi então destacado para chefiar o Estado-Maior do Destacamento do General Tourinho que deveria operar contra os revoltosos em Minas Gerais no eixo Rio—Juiz de Fora—Remonta—Belo Horizonte. O General Tourinho, seu comandante, havia opinado contra a guerra de destacamento. Foi a favor de lançar a 1ª Divisão de Infantaria que comandava, a melhor dotada e instruída, contra Minas e o Rio Grande do Sul, para bater por partes as forças revolucionárias.

As *Memórias* de Paula Cidade sobre a Revolução de 30 são ricas em ensinamentos profissionais. Dentre os fatos que testemunhou merecem registro:

Primeiro, a comunicação de seu comandante de que iria agir por conta própria, como na Revolução do Contestado: "Nada de guerra à francesa com apoio em cartas topográficas, mas sim com apoio em vaqueanos, dos quais iria organizar um Corpo muito bem pago."

O Destacamento que Paula Cidade foi Chefe de EM, foi batido na Remonta, em 22 de outubro, onde possuía seu centro de resistência.

O segundo caso é o do Aspirante Amílcar Dutra de Menezes que resistiu à interferência familiar de retirá-lo da frente de combate e do convívio de seus soldados, que ele liderava pelo exemplo e com quem

convivia com risco de vida. E narra Cidade: "Fiz-lhe a vontade. Voltou para seu pelotão e para a linha de fogo. Mais tarde, quando o Destacamento se esfacelou e a disciplina começou a periclitar por toda parte, este mesmo aspirante veio procurar-me. Queria que eu visse seu pelotão que estava pronto a cumprir qualquer ordem. Dirigi-me a seu pelotão. Na sombra e na melhor compostura militar o pelotão repousava. Algumas garrafas de guaraná espalhadas no chão. Os soldados levantaram-se prontamente à minha chegada como se fossem imunes ao alvoroço que ia em torno deles. Aquela gente suja, roupa maltrapilha pelos longos dias passados às intempéries, sob influência de um chefe de pequeno escalão, conservara a força moral e a coesão em toda plenitude. Não desagregara, porque sua coesão fora cimentada pelas qualidades de liderança de seu comandante imediato!" Isto comoveu o soldado Paula Cidade.

Em 28 de outubro de 1930, após dissolvido o Destacamento de que fora Chefe de EM, Cidade apresentou-se ao EME onde foi acolhido pelo Ministro General Leite de Castro que junto com o Chefe do EME, General Tasso Fragoso, o protegeram de uma reação revolucionária. Ali continuou na Chefia da 5ª Seção (História e Geografia) até 24 de abril de 1932.

Em 23 de junho de 1936, retornou ao Estado-Maior, como Chefe da 1ª Subseção da 3ª Seção, encarregada de elaborar Planos de Operações e um anteprojeto para o Colégio Militar. Nesta ocasião

aprofundou estudos históricos que resultaram no clássico *Lutas no Sul com espanhóis e descendentes*. Permaneceu desta vez no EME até 25 de dezembro de 1937. Foi elogiado nos seguintes termos ao ser transferido para a 5ª Seção:

“Oficial culto e inteligente. Confirmou o bom conceito que é tido no Exército. Além de seus trabalhos normais deu desempenho de trabalhos de outras seções que lhe foram confiadas.” O depoimento desse período em suas *Memórias* é relevante.

Nessa época Cidade mantinha muito boas relações de amizade com dois antigos colegas da Escola Tática do Rio Pardo: o General Dutra, Ministro da Guerra e o Coronel Mário Ari Pires, do Conselho de Segurança Nacional, ambos ligados funcionalmente ao Presidente Vargas, também seu contemporâneo no Rio Pardo.

A sua derradeira ação como oficial de Estado-Maior foi a de Chefe de Gabinete da Secretaria Geral do Exército, então recém-criada, onde teve como chefe, seu amigo desde a Escola Tática do Rio Pardo — o General Valentim Benício. Estas funções Cidade as exerceu como Coronel de 3 Jan 39 a 16 Mar 42. Sobre Benício escreveu Cidade:

“Sua competência e capacidade de trabalho merecem ser registradas. Ele realizara verdadeiro milagre ao planejar e organizar em poucos meses uma repartição de tão alto nível e de tão grande complexidade. O segredo de seu êxito consistia em bem escolher seus auxiliares.”

Cidade liga-se a todas as grandes realizações da S Ge Ex, particularmente as de natureza cultural no período 39-41. Ele por diversas vezes a dirigiu interinamente. Registra eternamente estes grandes momentos da Secretaria Geral os *Anais do Exército Brasileiro* 1939-41, uma das mais preciosas fontes da História do Exército, interrompidos com a saída de Cidade para outra função. Foi dinamizada a BIBLIEx, reorganizada em 38, por Valentim Benício e inspirada na Biblioteca de Oficial do Exército Argentino, com dois objetivos:

— Editar obras de preferência de integrantes do Exército;

— colocar à disposição dos oficiais do Rio sua coleção de livros.

Segundo Cidade, a BIBLIEx:

— “Foi marco no desenvolvimento da cultura no Exército;

— facilitou aos militares a publicação de seus livros;

— abriu novos caminhos ao pensamento militar brasileiro.”

Foi na BIBLIEx, na condição de seu presidente, que Paula Cidade exerceu suas últimas funções na Ativa, de 12 Jul 45 — 05 Jul 48, pelo espaço de três anos.

O COMANDANTE DE UNIDADE

Cidade comandou duas unidades de Infantaria. A primeira como major no ano de 1935, durante a Guerra do Chaco — o 19º BI de Corumbá. A segunda, como coronel no ano de 1938 — o 12º BI, então com sede em Juiz de Fora.

Em Corumbá teve a missão de guarnecer e manter a neutralidade

brasileira, ao longo de uma linha de fronteira de 700 a 800km, na frente da qual, paraguaios e bolivianos travavam a Guerra do Chaco. Chegou a Corumbá a bordo do "Fernandão". Assumiu o comando em 5 Mar 1935. Lá encontrou "oficialidade excelente com as raras exceções de sempre" e problemas de disciplina entre os soldados recrutados nas ruas das cidades do Nordeste, organizados em bandos no quartel. Ele os enfrentou e venceu com firmeza, doçura e determinação. Contornou as agitações comunistas do ambiente. Foi aos poucos apertando os parafusos da disciplina, cuidando para não fazê-los demais "e espanar a rosca". Conseguiu bons resultados dando exemplo; estabelecendo regime de instrução severo; cuidando do bem-estar de seus soldados; expulsando os incorrigíveis e bem administrando a Justiça Militar. Para tal recebeu o apoio moral e material de seu comandante, General Pedro Cavalcanti. Administrativamente, saneou os alojamentos de percevejos e combateu indícios de desonestidade, principalmente no rancho, onde fez um rodízio nos postos chaves. Em face das revoluções anteriores, a Carga Geral estava na maior desordem, fato que exigiu dele medidas saneadoras rigorosas. Assim, sua ação de comando pode ser resumida: disciplina; instrução; bem-estar da tropa; moralidade e ordem administrativa.

Naquele tempo, enquanto bolivianos e paraguaios lutavam do outro lado, Corumbá era um centro de luta secreta entre agentes da-

queles países. Face a indícios de invasão do Brasil pelo Paraguai para um ataque de flanco à Bolívia, fez a seguinte consulta ao seu comandante de Região:

"Caso forças paraguaias invadirem o Brasil, manobrando contra flanco boliviano, encaro três soluções:

1ª — Cubro Corumbá e seu porto e aguardo ação da 9ª RM.

2ª — Ligo-me aos bolivianos, regulando minha ação pelas deles, prolongandô sua esquerda.

3ª — Ataco os invasores unicamente com meu Batalhão, caso haja invasão.

Caso a presente consulta não tenha sido solucionada adotarei a 3ª solução."

O curioso é que no debate dessa 3ª solução houve um capitão que protestou com veemência:

"— A 3ª solução será a repetição de Dourados. Não quero dar uma de Antonio João!"

Antes da Intentona Comunista, segundo assinalou Cidade, um grupo de prisioneiros bolivianos comunistas que haviam aderido ao Paraguai contra o seu país, planejou conquistar Puerto Suarez, foco de funcionários civis e militares bolivianos pertencentes ao Partido Comunista.

O desempenho de seu comando é traduzido pelo elogio de seu comandante:

"Expressiva figura de relevo profissional e moral do Exército. Brilhante oficial de Estado-Maior, já se tem feito notar por sua iniciativa na solução de várias questões relativas à instrução."

Em 1976, ao visitar o 17º BC, tivemos o prazer de conseguir o retrato de Cidade para a galeria daquela OM, bem como a do General Tertuliano Potyguara.

Cidade foi muito feliz. Deixou o 17º BC realizado profissionalmente por sabê-lo reorganizado, disciplinado e instruído. Como sempre acontece em tais casos, deixou seu Batalhão emocionado — “Aproximei-me da tropa em forma fazendo-lhe um aceno com a mão, como um pai que, chocado pela partida, se despede dos filhos sem dizer-lhe uma palavra”. E esta sensação se repete anualmente com centenas de tenentes-coronéis e coronéis do Exército. É uma emoção muito forte e muito marcante na carreira.

Cidade comandou de 5 de maio de 1935 a julho de 36.

Em 25 de janeiro de 1938 assumiu o comando do 12º RI em Juiz de Fora, atualmente em Belo Horizonte. Escreveu: “Contei com admiráveis oficiais e sargentos. Encontrei com surpresa, ali naquele recanto de Minas Gerais, uma organização modelar onde tudo funcionava com a regularidade de um mecanismo de relojoaria”. Assim, o esforço de Cidade foi conservar e completar as partes ainda em fase de estudos. Ali tudo estava em ordem e em dia. Fez um grande esforço para melhorar a comida dos praças, encontrando reação do provisionador — um oficial comissionado de 30, que teimava em afirmar: “De acordo com o regulamento o comandante não tem nada a ver com o rancho.” O mencionado oficial teve de afas-

tar-se do rancho por ter sofrido fratura na bacia, em conseqüência de uma queda quando domava seu cavalo. Afastado por um acidente de função, o seu substituto deixou o rancho como o velho Coronel Cidade gostava — “Comida boa, farta e variada e servida em equipamento compatível.”

NO COMANDO DE GRANDES UNIDADES

Paula Cidade durante a II Guerra comandou e organizou a ID/9 em Corumbá. “A cidade branca e rainha do Paraguai”, durante seis meses de Jul-Dez de 1942. Logo depois foi a 8ª RM, com sede em Belém, a partir de 15 Mar 43 por cerca de um ano. Em Corumbá, além de sua missão profissional normal, deixou em suas *Memórias* valiosas informações sobre aquela fronteira. Coordenou ação comunitária visando a reduzir os mosquitos que infestavam a cidade. Coibiu abusos em relação aos súditos do Eixo e seus patrimônios, evitando fatos lamentáveis ocorridos noutras partes. Fundou e foi o primeiro presidente da Sociedade dos Amigos de Corumbá. Ao ser promovido a general a cidade agradeceu num gesto de generosidade, reconhecimento e amizade ofereceu-lhe a espada de ouro de Oficial General. Antes de seguir para seu comando em Belém, recebeu pessoalmente a seguinte missão do Presidente Vargas:

“Fica em condições de ocupar a Guiana Francesa.”

Motivo: “Com um governo francês pró-Alemanha em Vichy, cer-

tamente uma nação extracontinental iria ocupar a Guiana Francesa e não mais sair dali. E se alguém devia fazer isso seria o Brasil."

Esta idéia aos poucos foi perdendo consistência com o evoluir da guerra e a ação principal de Cidade resumiu-se no seguinte:

— Proteger a base aérea americana de Val de Cans, em Belém, próximo do Canal do Panamá e ponto de passagem obrigatório das comunicações militares aéreas americanas com a África e Europa, junto com a base aérea de Natal. Seu principal instrumento para a missão foi a Cia de Metralhadoras Antiaéreas na base de Val de Cans, comandada pelo então Capitão Jannari Nunes, mais tarde interventor do Amapá e autor de livro sobre a Bandeira Nacional. Seu relacionamento com as autoridades americanas foi excelente e de alto nível, conforme registrou.

Ocupou grande parte de seu comando em atritos com o Governador do Pará — Coronel Barata. O velho general defendeu com firmeza suas funções às tentativas de interferência. O incidente contado em detalhes em suas *Memórias*, terminou em Belém com mediação do Comandante da Marinha da área e só foi sepultado no Palácio do Catete, com mediação do Chefe da Casa Militar.

No setor disciplinar agiu com firmeza e doçura. Um grupo de reservistas convocados cometia toda sorte de excessos para seus integrantes serem expulsos ou processados para fugirem à Força Expedicionária Brasileira. Os incidentes entre soldados e populares eram

freqüentes. O remédio para tamanho mal foi a criação em cada unidade de um Pelotão Disciplinar e, a exemplo dos americanos, as patrulhas e o pessoal de serviços passaram ao uso de cassetetes. O remédio deu resultado e foi pouco a pouco reduzido por conselhos do Ministro da Guerra, General Dutra, com quem Cidade se correspondia.

Em Belém, Cidade conviveu fraternalmente como bom católico com D. Jaime Câmara. Foi eleito sócio correspondente da Academia de Letras Paraense. Deu um saco de açúcar pago de seu bolso, para que numa época de racionamento pudesse ser servido o tradicional cafezinho da festa do Círio de Nazaré.

Um dos seus orgulhos dessa época foi o de ter sido pioneiro da inseminação artificial da área, graças segundo ele ao "Chefe do Serviço Veterinário da Região — o então Major Waldemiro Pimentel, oficial trabalhador e de larga visão naquele pedaço do Brasil. O trabalho consistiu em inseminar, com base em reprodutores cavaleiros de alta linhagem, 752 matrizes na Ilha de Marajó, que produziram 751 potros de belo aspecto".

O General Waldemiro Pimentel foi até falecer, em data recente, proeminente membro dos Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e Histórico e Geográfico Brasileiro. Era membro da seleta Academia de História do Japão. A ele devo, em parte, o reconhecimento e iniciativa que resultou no meu ingresso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em

1983. A ele nossa homenagem e gratidão neste registro.

Da ação de Cidade no Pará, impressões valiosas que colheu e o carinho que recebeu das famílias e povo, deixou alentado registro em suas *Memórias*. Sua ação seria ressaltada em 1955 pelo Comandante da AMAN, General Júlio Teles de Menezes, que o auxiliara em Belém na Defesa de Costa, e que ao assumir o comando o apontara aos cadetes como exemplo a ser seguido por eles como:

"Vida sempre inteiramente dedicada à profissão que abraçou com entusiasmo. Soube ser chefe e bastante trabalhou em prol do Exército e da Pátria. Vida de chefe operoso e brilhante escritor."

Serviu nesta época em Belém o Capitão Francisco Ruas Santos que, mais tarde, implementaria sobremodo os estudos pioneiros de Cidade sobre História Militar no tocante a epistemologia específica.

O LITERATO MILITAR

É possível que a vocação para literatura de Paula Cidade tenha sido despertada aos 11 anos, em seu primeiro emprego, na tipografia Americana em Porto Alegre. Vocação que se consolidou no seu segundo emprego, quando idealizou e foi eleito, aos 14 anos, o primeiro presidente da Sociedade Recreativa e Literária dos Comerciantes de Porto Alegre. Nas escolas preparatórias do Rio Pardo e de Porto Alegre, e por fim, na Escola de Guerra, dessa última cidade, ele sempre foi eleito redator chefe das revistas nelas editadas "Luz"

(1904), "Ocidente" (1906), "Cruzada" (1907) e "Aldebarã" (1908). Sua infância correu na época de ouro do romance, dos versos e dos contadores de "causos" em torno de um lampião nos serões porto-alegrenses. "Causos" como a Nau Catarineta, Lunar de Sepé, Tiara-jú, o do bandido Camparia, de Pedro Malazartes, do Negrinho do Pastoreio etc.

Em 1910, como aspirante ainda servindo na Praça do Portão, deixou de lado a literatura e a poesia puras e simples e colocou seus predicados a serviço da Literatura Militar Terrestre Brasileira, como suporte para suas idéias reformadoras do Exército e instrumento de difusão da doutrina, da história e da geografia militar brasileira terrestre e de registro, para a posteridade, dos costumes militares e da evolução militar terrestre. Esta guinada ou mudança de rumo ele assim comentou:

"Substituí minhas leituras literárias em geral, pelas dos que falavam a língua de Marte — o Deus da Guerra — Van der Goltz, Frederico II, Napoleão e outros. A vida militar não matou em mim o amor aos livros, apenas me mudou de rumo" — ou seja, colocou sua vocação a serviço do desenvolvimento do Exército Brasileiro.

Assim, em 1910, foi gerente da *Revista dos Militares*, surgida em Porto Alegre, que pregou idéias progressistas e acompanhou a evolução do Exército e da Marinha por largo período, e com assinalados serviços à Reforma Militar. Revista que teve como patrocinador o General Manoel Joaquim

Godoflim, Comandante da Região Militar e o seu Chefe do Estado-Maior, Luiz Acácio Leiraud como redator. Na *Revista dos Militares*, Cidade foi gerente, redator e secretário, o que o tornou conhecido no Rio e em outros locais.

Em 1913, servindo no 2º RI da Vila Militar, integrou o grupo dos 12 jovens turcos. Foi co-fundador da *Revista Defesa Nacional*, cujo programa, segundo seu depoimento, foi obra de Estevão Leitão de Carvalho e Bertoldo Klinger, e visava "impulsionar a renovação da Doutrina Militar Terrestre e propugnar por uma profunda modificação da Ordem de Batalha ou articulação das forças terrestres no território. E, daí por diante, foi intensa a atividade literária de Paula Cidade. Ela, de fato, perdurou por 69 anos desde que fundou o Grupo Recreativo Literário dos Comerciantes do Porto.

Fundaram a *Defesa Nacional* "jovens turcos": Estevão Leitão de Carvalho, Mario Clementino de Carvalho, Joaquim de Souza Reis, Bertholdo Klinger, Francisco de Paula Cidade, Brasília Tabora, Epaminondas Lima e Silva, César Augusto Parga Rodrigues, Euclides Figueiredo (pai do Presidente João Figueiredo e dos generais Euclides e Diogo), cujo centenário de nascimento transcorre este ano, José Pompeo Cavalcanti Albuquerque, Jorge Pinheiro e Amaro de Azambuja Villa Nova.

Do programa de trabalho e objetivos destaca: "Colaborar para o soerguimento de nossas instituições militares, trabalhar para o progresso dos meios de defesa do

povo brasileiro, aparelhando o Exército para sua função conservadora e estabilizante dos elementos sociais em marcha etc."

A certa altura esclarecem: "Nós estamos profundamente convencidos de que só se corrige o que se critica; de que criticar é um dever; e de que o progresso é obra de dissidentes..."

Não queremos ser absolutamente, no seio de nossa classe, uma horda de insurretos, dispostos a endireitar o mundo a ferro e fogo — mas um bando de Cavaleiros da Idéia, que saiu a campo, armado, não de uma clava, mas de um argumento, não para cruzar ferros, mas para raciocinar; não para confundir, mas para convencer. Nesta revista encerramos o direito da crítica — às idéias, não aos indivíduos."

O GEÓGRAFO MILITAR BRASILEIRO

Paula Cidade foi e continua sendo o maior geógrafo militar terrestre brasileiro. Ao entregar seu *Thesaurus de Cultura Militar* ao IGHMB, em sessão em 1983, o Coronel Francisco Ruas Santos declarou que seu *Thesaurus* era inexpressivo em geografia militar, setor que se mantivera sem novidade e estagnado desde a obra de Paula Cidade — *Notas de Geografia Militar Sul-Americana*, editada pela Escola Militar em 1932 e pela Biblioteca Militar em 1942. Obra de grande repercussão militar sul-americana, traduzida pelo Exército do Chile e dali difundida, estudada e muito apreciada até hoje nas escolas de Altos Estudos de outros países sul-americanos on-

de o autor goza de justa e merecida nomeada.

Acreditamos que o gosto pela Geografia Militar levou Paula Cidade a produzir, com apoio em obras alemãs de tática, seu primeiro livro sob o título *Noções e problemas de leitura de cartas*, sistematizando e ampliando ensinamentos desconhecidos então pela imensa maioria dos oficiais, os quais foi obrigado a absorver, como autodidata, ao ser encarregado, ainda como aspirante, na Praça do Portão, em Porto Alegre, de ministrar instrução de jogos de guerra, denominação imprópria para, em realidade, exercícios na carta.

De 1924-30, como capitão, serviu no histórico e tradicional então 1.º Regimento de Infantaria. Comandou a 1.ª Cia do 3.º Batalhão que estava à disposição da EsAO. Teve como subalternos os tenentes Paulo Lobo, morto na Revolução de 30, e Juracy Magalhães. Nestas funções realizou incontáveis reconhecimentos no terreno à luz de cartas topográficas, para o Diretor da Missão Militar Francesa da EsAO.

Como instrutor de História Militar, recebeu o encargo do Comandante Cel José Pessoa, de introduzir a Geografia Militar na Escola Militar do Realengo. Disse-lhe então, "para ele o que foi o maior comandante que teve a Escola Militar em toda a sua vida e um dos mais destacados militares de seu tempo".

"Capitão Cidadel Não recuse ser instrutor de Geografia Militar, pois a meu ver você é a única pessoa capaz, conforme provas que já deu em outras escolas."

Com as muitas notas de aulas no curso da ECEME e um pouco mais escreveu Cidade em suas *Memórias*: "Surgiu um livro que teve grande repercussão no estrangeiro — *Notas de Geografia Militar Sul-Americana*, que a Escola Militar mandou imprimir. Este trabalho foi editado pela Biblioteca Militar em 1942".

De seus movimentados contatos com a geografia militar em sua subunidade que apoiava a EsAO, foi chamado para o Estado-Maior do Exército onde lhe foi confiada a chefia da Seção de História e Geografia Militar e a chefia da *Revista Militar Brasileira*. Assuntos de sua preferência e nos quais firmara sua reputação no centenário da *Batalha do Passo do Rosário*.

De 22 Fev 1930 a 24 Abr 1932, além da chefia de sua Seção e o combate a Revolução de 30 em Minas, atuou exclusivamente em Geografia Militar. Assim, lecionou na Escola de Intendência e Geografia Econômica com aplicações militares e ministrou curso de Geografia Militar, na ECEME, como conferencista. Nele inspirou suas famosas *Notas de Geografia Militar Sul-Americana*. Na época de comandante de Cia no 1.º RI, ele era encarregado dos temas táticos enviados ao comando de sua Brigada pela Região Militar.

Seu derradeiro trabalho publicado, *Dois ensaios de História*, é uma combinação de Sociologia, Geografia e História Militar. O segundo é mais precisamente um trabalho de geo-história no sentido de explicar a história do Rio Grande do Sul pela sua geografia e já pu-

blicado pelo Congresso de História e Geografia do RS em 1937, em seus *Anais*. Fez este ensaio com originalidade e espírito nativista. Seus estudos de geografia militar sul-americana merecem continuidade em nossas escolas militares, como essência do espírito da Geografia Militar, assunto que forneça aos instruídos uma visão dos aspectos topotáticos e topoestratégicos essenciais ao estudo do terreno pelos EM, em qualquer escalão tático e estratégico considerado.

É mais, estudo que deve atingir estágio visando não só a aspectos geográficos militares físicos, mas os econômicos, políticos e sociais que possam enquadrar-se em geografia militar de interesse do planejamento e condução de operações militares. O Cel Ruas Santos procura provar que, se os americanos tivessem levado em conta aspectos geográficos militares sociais sobre o Vietnã, teriam conduzido aquela guerra de outra forma ou mesmo a evitado. Isto com apoio em levantamento das guerras que tiveram lugar naquela península em milênios, à luz da Enciclopédia Britânica.

O HISTORIADOR PAULA CIDADE

Paula Cidade foi, no cerne, um historiador militar. Seus estudos tomaram corpo e passaram a ser publicados em função do Centenário da Batalha do Passo do Rosário em 1927, quando servia no Estado-Maior, Seção de História e Geografia Militar, junto com o Ge-

neral Tasso Fragoso, chefe daquele órgão que então escreveu um clássico sobre aquela batalha.

Sobre o tema, Cidade editou: *O Soldado de 1827*, "Uma Brigada de Cavalaria na Cobertura", Histórico "da Campanha de 1825-28" etc., além de preparar e anotar a caderneta de Seveloh. Seus estudos prosseguiram num crescendo, focalizando a guerra contra Oribe e Rosas 1850-51, guerra contra Aguirre 1864 e guerra com o Paraguai 1865-70. Desse confronto de estudos produziu o clássico *Lutas no Sul com espanhóis e descendentes*, 1948, complementado em 1960 pelo ensaio dirigido aos candidatos à ECEME. "O que é indispensável saber sobre nossas intervenções no Prata". Prosseguindo seus estudos sobre literatura militar brasileira, editou em 1959 o clássico *Síntese de três séculos de literatura militar brasileira*, ponto de passagem obrigatório para quem depois deseje estudar a História Militar Terrestre Brasileira.

O último trabalho publicado encerrou um ensaio complementar ao esboço biográfico do Marechal José de Abreu — Barão de Serro Largo, realizado pelo Barão do Rio Branco e, na época, passaporte do grande diplomata e historiador para seu ingresso, muito jovem, no Instituto Histórico e Geográfico.

O SOCIÓLOGO MILITAR

Paula Cidade foi, de fato, o maior sociólogo militar das forças terrestres brasileiras. Neste parti-

cular, realizou obra literária sem igual até o presente. Seus estudos a respeito tiveram início em 1909, como aspirante a oficial, quando serviu três meses em Cruz Alta. Lá começou então a observar e registrar os costumes militares brasileiros. Através dos tempos, foi uma característica relevante de sua obra. Dentro desse espírito ele produziu o seu primeiro livro em 1922 sob o título *O Soldado de 1827*.

Em 1939, no cinquentenário da República, ele produziu o trabalho *O Soldado de 1889* para a obra *A República Brasileira*. Junto com Bertoldo Klinger estudou os "Brummer" — A Legião Prussiana (1º Reg Art, 1º RI e 2 Cias de Pontoneiros) contratados pelo Brasil para lutarem contra Rosas em 1851-52. Assunto que tratei em meu livro *Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RS*. Porto Alegre, IEL, 1975. A sua obra — *Síntese de quatro séculos de literatura militar*, está recheada de valiosas informações sociológicas militares brasileiras, bem como a sua outra obra — *Cadetes e alunos militares através dos tempos* em 1961, que preserva importantes informações relacionadas com os costumes e tradições militares em nossas escolas militares.

Em suas *Memórias* inéditas e em fase de estudos para possível publicação e que tivemos a honra e o privilégio de estudar, para elaborarmos este ensaio, Paula Cidade nelas registrou dados relevantes sobre costumes nos locais onde serviu de 1902-1948.

O HOMEM

Paula Cidade em corpo e alma foi produto do meio físico e mental do Rio Grande do Sul, onde nasceu, se criou e se tornou adulto. Meio físico e mental que ele estudou e definiu de modo ímpar em sua obra — *Dois Ensaios de História*. Ele mesmo se questionou no início de suas *Memórias*:

"Quantas vezes não tenho agido errado ou com acerto, transportando-me inconscientemente para a terra onde nasci e me criei, colocando-me sob a influência de meus ancestrais que surgiram inesperadamente em minhas atitudes, embora reconicionados. Vez por outra, sem o querer, emergo do meio rio-grandense de minha infância e juventude."

Cidade era um homem forte. Sua vida sempre foi morigerada, comia muito pouco, não fumava, não bebia e gastava o mínimo necessário. Sua única diversão era a pesquisa histórica, assunto em que concentrava suas atenções nas folgas de profissional militar dedicado. A parte logística e familiar ficava por conta de sua esposa, D. Estelita.

Extremamente católico, tinha muito orgulho cristão de haver por duas vezes falado com o Papa. Ao perder sua primeira esposa em 1946, mudou-se do Grajaú para a Praia do Russel para ficar mais perto das instituições culturais de que necessitava. Foi soldado corajoso, de elevado senso de justiça, boa rusticidade, frugal e que sabia alternar com equilíbrio as virtudes de firmeza e doçura, características do

gaúcho histórico e que encontraram em Osório um expoente.

ÚLTIMOS TEMPOS DE CARREIRA

Em 23 de julho de 1949 partiu para a Itália integrando a FEB como membro do Conselho Supremo de Justiça Militar, órgão submetido a pressões e a incompreensões no Brasil e na Itália. Dessa sua missão que durou até 13 de dezembro, ele não guardou boas lembranças. Pois o Conselho não foi bem sucedido, não funcionou a tempo e teve seu trabalho anulado pela Anistia. Suas impressões de grande valor sobre sua missão foram registradas em suas *Memórias*, em *Nápoles e um pouco mais* e em obras inéditas sobre Nápoles e a História da Justiça Militar.

De retorno da Itália passou a presidir a Bibliex de 12 Jul 45 até 5 Jul 48, data de sua passagem para reserva como General de Divisão, depois de 46 anos de excelentes e modelares serviços prestados ao Exército na paz e na guerra. Na Reserva, passou a dedicar-se aos seus estudos e produzir suas *Memórias* sob o seguinte argumento:

“Desde que, pela minha passagem para a Reserva, fui sepultado no esquecimento, tomei resolução de escrever minhas *Memórias*, com o fito de legar à História um depoimento que, talvez tenha interesse para os que, mais tarde, queiram saber certas particularidades da curva imaginária que o Brasil vem descrevendo, na sua interminável marcha para o infinito do calendário. De onde viemos? para onde vamos?”

Sobre estímulos de sua segunda esposa D. Nera, Cidade passou o resto dos seus dias dedicados à literatura. Ora escrevendo, ora fazendo conferência, ora participando de eventos do Pen Clube. Enfim dando uma finalidade social relevante aos seus dias e compatível com o seu passado de soldado.

Faleceu em 5 de março de 1968 no HCE, foi sepultado no sarcófago perpétuo 394, Ala 4 do Cemitério São João Batista.

O Instituto de Geografia e História Militar do Brasil o homenageou na ocasião, através de sua Revista Vol XLII — 1º sem, 1968, pág. 168.

ALGUNS PENSAMENTOS

1. Sobre o progresso na primeira metade do século:

“Tudo passa rápido, do que na realidade nos parece. A transmissão de um pensamento, dos que vivem em regiões afastadas entre si e que outrora exigia meses e anos, passa a fazer-se em poucos minutos pelo telefone ou por outros meios básicos. O avião abole as distâncias, como o rádio passa a propagar o pensamento, bom ou mau, através do espaço e as idéias rápido se expandem. Contudo isto, montanhas, rios e florestas já não são obstáculos a homogeneização dos costumes e cada vez mais reduzidas as probabilidades de civilizações localistas e fechadas sobre si mesmas. A máquina e as facilidades de comunicações se tornaram denominador comum de todas elas. Os homens que viveram o último meio século (1900-1950) testemunharam o ocaso de uma ci-

vilização e o amanhecer de outra. Eu fui um desses homens."

2. Sobre o Pensamento Militar português (sua interpretação):

"Julgada a causa justa, pedir proteção divina e atuar ofensivamente, mesmo em inferioridade de meios."

3. Marcos da evolução militar terrestre (sua interpretação):

"Há na evolução das instituições militares brasileiras, quanto ao Exército, cinco pontos culminantes:

a) A vinda da Família Real de Portugal para o Brasil, o que deu às forças locais de terra importância que anteriormente lhes eram negadas.

b) A Guerra do Paraguai, que culminou com uma experiência técnico-administrativa que durou mais do que devia.

c) A criação da Escola de Guerra de Porto Alegre, que modificou profundamente o preparo profissional dos oficiais do Exército, complementada pela decretação do Serviço Militar Obrigatório.

d) A contratação da Missão Militar Francesa que, em 20 anos de trabalho, recondicionou o pensamento militar brasileiro, atualizando-o.

e) A intervenção do Brasil na 2ª Guerra Mundial, que proporcionou a certo número de oficiais um reconhecimento real do campo de batalha moderno, permitindo-lhes encarar as conseqüências da intervenção atômica, nas guerras do futuro..."

4. Impressões de um combate na Revolução de 30 (sua visão do

campo de batalha na Remonta, na Revolução de 30):

"Um campo de batalha, à noite, quando os adversários se enfrentam a curta distância, apresenta um quadro que nenhuma pena pode descrever, porque ainda não se inventou um meio de reproduzir literalmente a eclosão simultânea de numerosos aspectos terrificantes. A escuridão da noite acarreta a possibilidade de surpresas reais e imaginárias, os cadáveres encontrados pelo caminho, os feridos transportados para a retaguarda ou que se arrastam sozinhos, os estampidos das armas de toda espécie, os gritos dos combatentes, os clarões sinistros dos incêndios que se divisam ao longe, a fadiga do corpo e da alma, as incertezas relativas ao que os acasos nos reservam, tudo enfim conspira contra os que se habituaram a esse namoro com a morte. A maioria dos homens suporta tudo isso com resignação, principalmente quando há prévia separação mental. Poucos são os que fogem a esta regra."

5. Palavras de encerramento de suas *Memórias* referente às injustiças de que foi alvo ou vítima:

"Agora a confissão de um pecador não arrependido: meu grande erro na vida foi o de crer que aquilo que eu não faria contra o direito alheio, outros fariam com os meus. Erro ou doença adquirida em tenra idade, na minha grande escola que foi o meu lar onde se dizia, insistindo nesse erro, que o mundo é justo e dá a cada um aquilo que de direito lhe toca."

Esta é a síntese da vida e obra de Paula Cidade, aqui evocada no

centenário de seu nascimento com uma justa homenagem e de reconhecimento às mesmas e um primeiro inventário sereno da posteridade agradecida pelas valiosas lições que ele proporcionou.

OBRA LITERÁRIA DE PAULA CIDADE

A obra literária produzida por Cidade e a seguir relacionada é alentada. Consta de livros publicados na Bibliex e de enorme lista hemerográfica de trabalhos publicados nas revistas *Militar Brasileira* (atual "do Exército" que dirigiu), *Defesa Nacional*, *dos Militares*, *Nação Armada* e nos jornais *Correio da Manhã*, *Jornal do Comércio*, *do Rio*, *Estado de São Paulo* e *Correio do Povo*. Usou o pseudônimo de M. T. Camilo Eugênio.

Como trabalhos inéditos, deixou:

"Memórias", "História da Justiça Militar" de fundo histórico, "Visões da Itália" e "A luz do lampião de querosene", conjunto de "causos" e lendas de natureza folclórica gaúcha no entendimento geral ou de natureza tradicionalista ou nativista, no entendimento gauchesco.

Integrou como ocupante da cadeira nº 3 que tem como patrono o Barão do Rio Branco, o Instituto de Geografia e História do Brasil, do qual foi um dos fundadores. Hoje é patrono da nova cadeira nº 88, que tenho a honra de ocupar. Foi membro correspondente dos institutos históricos e geográficos do Rio Grande do Sul, São Paulo e cidade de Santa Maria. Igualmente

das academias Fluminense, Paraense e Sul-Riograndense de Letras, da Associação Amigos de Simancas, Pen Club, Estudos Históricos da Bolívia e Comissão de Estudos de Textos da História do Itamarati. Integrou comissões organizadoras do IBGE, da BIBLIEX e Arquivo do Exército. Recebeu as medalhas e condecorações: Mérito Militar (grande oficial); 40 anos de bons serviços; da Campanha da FEB; de Guerra; Jurídica Militar (Alto Mérito) e de Comandante da Legião do Mérito dos EUA. Foi Comendador da Ordem dos Andes (Bolívia). Recebeu ainda as medalhas comemorativas: Santos Dumont; Cinquentenário da República; Sesquicentenário da AMAN; Solidariedade da Itália e Centenário de Rio Branco. Paula Cidade falava francês e italiano e traduzia alemão. Estas foram importantes ferramentas para transferência de "know-how" militar na fase da Reforma Militar.

Publicou alguns trabalhos na Itália que foram vertidos para o italiano por sua ilustríssima esposa D. Nera Ponsiglione Cidade, que fora professora de literatura brasileira na Itália, além de estudiosa de Machado de Assis, cuja obra despertou a atenção de Paula Cidade nos seus últimos anos de vida.

Paula Cidade, um escritor e soldado a serviço do progresso do Exército, na Reforma Militar deixou alentada obra bibliográfica e hemerográfica a seguir relacionada. É talvez o ponto alto da presente contribuição no centenário de seu nascimento e o tributo mais significativo à preservação e culto

de sua memória, até agora ímpar como escritor e modelar como profissional militar, a homenagem da *Defesa Nacional* a um de seus fundadores, secretário, quando essa revista comemora 70 anos de existência.

Bibliografia e Hemerografia do General Francisco Paula Cidade (1883–1968)

- 1910 — *A verdadeira e a falsa nação armada*. Porto Alegre, Liv. Americana, cerca de 1910 (Tiro de Guerra 4 de Porto Alegre), 42 pp.
- 1913 — *Manual do sinaleiro*. Porto Alegre, Liv. Americana—Cunha, 1913.
- 1921 — *Noções e problemas de leituras de cartas*. Rio, 1921. (Separata da Revista dos Militares de Porto Alegre.)
- 1924 — *O soldado de 1827*. Rio, Imprensa Nacional, 1927. (Separata da Revista Militar Brasileira — RMB.)
- 1928 — *O Exército Brasileiro na Colônia, in Pródromos da Independência*. Rio, Imprensa Nacional, 1928, 58 pp.
- 1930 — *A nossa gente: Paissandú e Leandro Gomes*. Rio, Imprensa Nacional, 1930 (sobre a guerra contra Aguirre, 1864).
- 1930 — *O domínio da Bacia Hidrográfica do Prata*. Rio, Imprensa Militar, 1930.
- 1930 — Prefácio e notas in *Reminiscências de campanha de 1827*. (Separata da RMB n.º 1, 1980.)
- 1931 — *Uma Brigada de Cavalaria Ligeira no Serviço de Cobertura*. Rio, Imprensa Militar, 1931 (Separata da RMB). Sobre a missão do Gen Bento Manuel, em Passo do Rosário.
- 1934 — *Notas de geografia militar sul-americana*. Rio, Escola Militar do Realengo, 1934, 1 ed e Bibliex 1942, 2 ed.
- 1939 — *O soldado de 1889 in A República Brasileira*. Rio, Bibliex, 1939.
- 1939 — Floriano no vale Uruguai, 1865, in *Floriano*. Rio, Bibliex, 1939.
- 1941 — *O Barão do Rio Branco*. Rio, DIP, 1941 (Seu discurso de posse no IGHMB e de sua recepção no mesmo pelo Ten Cel Jonas Correia).
- 1941 — *Las bases naturales de la buena vicinidad in Fuerzas Armadas de América*. t. 1, Buenos Aires, 1941.
- 1946 — *Nápoles e um pouco mais*. Rio, Bibliex, 1946.
- 1948 — *Lutas no Sul com espanhóis e descendentes*. Rio, Bibliex, 1948.

- 1955 — *Duque de Caxias in Vidas de Estadistas Americanos*. Porto Alegre, Livraria Globo, 1955, pp. 219-413.
- 1959 — *Síntese de três Séculos de Literatura Militar Brasileira*. Rio, Bibliex, 1959.
- 1960 — *O que é indispensável saber sobre as nossas intervenções no Rio da Prata*. Rio, Imprensa do Exército, 1960 (Separata da RMB).
- 1961 — *Cadetes e alunos militares através dos tempos*. Rio, Bibliex, 1961 (Sesquicentário da AMAN).
- 1966 — *O Rio Grande do Sul — Explicação da História pela Geografia in Dois ensaios de História*. Rio, Bibliex, 1966.
- 1966 — *Mal José Abreu — Barão de Serro Largo in Dois ensaios de História*. Rio, Bibliex, 1966.

Hemerografia parcial de Paula Cidade

1 — Publicados na *Defesa Nacional* (e relacionados no índice do Cel Francisco Ruas Santos, na Administração da Revista). Subsídios Táticos. Os fanáticos. Recrutamento de oficiais. Exércitos estaduais. Em torno do Contestado. Em torno de um Relatório. Colégios Militares. Dois Assuntos. Reflexões. A Velha Infantaria. Notas e curiosidades. Um novo Regulamento. Organização Regional. A doutrina e os processos de exercícios. O desenvolvimento em setor determinado. A localização dos Corpos de Tropa do RGS. Armamento de Infantaria. Tradições internacionais no Rio da Prata. História Militar do Brasil do Cap Genérico Vasconcelos. Os cadetes. Operações estratégicas defensivas (Van der Goltz). Em defesa de nossa língua. Oficiais de Estado-Maior. Escola Militar. O problema da segurança. O desaperto. O fator moral na campanha de 1825. O centenário de Passo do Rosário. As DI. Observações sobre a organização da Infantaria. O Marquês de Barbacena e as promoções ao seu tempo. A Defesa Nacional e sua História (revista). Osório, sua vida e gestos. A prata da casa. Questões administrativas. Vinte e sete anos mais tarde. Chefes de Cavalaria — galeria. Boletim de Informações da Bibliex. O túmulo de Virgílio. Trinta e cinco anos mais tarde. Confissões de um veterano.

2 — Publicados na *Revista Militar Brasileira* e relacionados no índice do Cel Francisco Ruas Santos, na administração da Revista, ora *Revista do Exército*: (1930) *O Soldado de 1827*. Munição e remunição. Pequenas frações de Infantaria. O domínio da Bacia do Prata. Concurso a ECEME — orientação. O Exército Russo dos Soviéticos (trad.) e uma Bda Ligeira na Cobertura (1931). Como estudar um ponto de História. Ataques aéreos em massa (trad.). (1941) — Cavalo ou